

# Almanaque da Educação para a **SEXUALIDADE**

caminhos pedagógicos para superar  
o medo e os silenciamentos

  **Respeito**  

HUMANIZAÇÃO

CONSCIENTIZAÇÃO

CONSCIÊNCIA CRÍTICA

DIÁLOGO

SEM OPRESSÃO

SER MAIS

ESPERANÇAR





**Almanaque da Educação para a**

# **SEXUALIDADE**

**caminhos pedagógicos para superar  
o medo e os silenciamentos**

**Edilce Maria Balbinot Borba**

Texto: Edilce Balbinot

Design gráfico: Bruno Palma e Silva

Ilustrações: @drynvalo/Freepik



4.0 International

Esta licença permite o *download* e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la ou utilizá-la para fins comerciais.



# SUMÁRIO

**Sobre  
Paulo Freire**  
... Patrono da Educação no Brasil **06**

**Condicionantes da  
prática docente  
na abordagem da  
sexualidade:**  
**SITUAÇÃO-LIMITE 16**

**Movimentos de  
enfrentamento e  
construção da  
práxis pedagógica:**  
**ATO-LIMITE 20**

**Ampliação da consciência  
ética e pedagógica:**

**O SER MAIS  
NA PRÁTICA DOCENTE 42**

**Como horizonte  
formativo  
da prática docente:**

**O INÉDITO VIÁVEL 52**

**E**ste **Almanaque da Educação para a Sexualidade** foi pensado para professoras, professores, pedagogas, pedagogos e profissionais da educação que atuam nos espaços educativos e enfrentam, no cotidiano, dúvidas, medos e silenciamentos quando o tema é sexualidade. Ele nasce do compromisso com uma educação que cuida, informa e protege.

A sexualidade é tratada aqui como parte da experiência humana e, portanto, como responsabilidade educativa. Não para ensinar comportamentos, mas para garantir diálogo, respeito, informação e direitos. Inspirado no pensamento de Paulo Freire, o almanaque defende uma educação ética, crítica e acolhedora, que não se omite diante das desigualdades e violências. Ao longo do livro, você encontrará conceitos fundamentais para a prática educativa, informações que ajudam a desmontar *fake news* sobre sexualidade, reflexões sobre diversidade sexual e de gênero na escola e propostas pedagógicas possíveis, pensadas a partir da realidade dos espaços educativos.

Este não é um manual de respostas prontas, mas um conjunto de caminhos possíveis para enfrentar o medo e romper o silêncio. Um material feito para apoiar, fortalecer e acompanhar quem educa.

Porque educar para a sexualidade é, antes de tudo, educar para a vida.

*Prof<sup>a</sup> Edilce*



# CAPÍTULO 1



# SOBRE PAULO FREIRE

## ... Patrono da Educação no Brasil

**F**alar de Paulo Freire é falar de educação com sentido humano, político e ético. Não se trata apenas de um autor consagrado, mas de um educador que transformou profundamente a maneira como o mundo pensa o ensino, a aprendizagem e o papel social da escola.

Paulo Freire foi um dos educadores mais reconhecidos internacionalmente do século XX. Recebeu mais de 40 títulos de Doutor Honoris Causa concedidos por universidades da América Latina, Europa, Estados Unidos e África. Atuou como professor em instituições como a Universidade de Harvard e foi consultor de organismos internacionais, entre eles a UNESCO.

Seu reconhecimento não é apenas acadêmico:  
**Freire tornou-se um símbolo mundial da  
educação democrática e emancipadora.**

# Humanização

A humanização é um dos eixos centrais do pensamento de Paulo Freire, e compreender esse conceito ajuda profundamente a entender sua proposta educativa.

Para Paulo Freire, humanizar é tornar-se mais plenamente humano, o que só acontece quando o sujeito pode pensar, falar, decidir, agir sobre o mundo e transformá-lo. A desumanização, ao contrário, ocorre quando pessoas são silenciadas, oprimidas, impedidas de participar criticamente da vida social – realidade comum em contextos de desigualdade, pobreza e exclusão educacional.

Na educação, a humanização se expressa quando o estudante não é tratado como objeto, mas como sujeito do processo educativo. Freire critica duramente a chamada *educação bancária* justamente por ser desumanizadora: nela, o professor deposita conteúdos prontos, ignora a história de vida do aluno e nega sua capacidade de pensar criticamente. Esse modelo não forma pessoas autônomas, apenas reproduz a opressão.

A proposta freireana de humanização passa por alguns princípios fundamentais:

- » **Diálogo verdadeiro:** o diálogo é um encontro entre sujeitos que se reconhecem como humanos, inacabados e capazes de aprender uns com os outros.
- » **Respeito à cultura e à linguagem do educando:** ensinar exige partir da realidade concreta do aluno, valorizando seus saberes e sua identidade.
- » **Consciência crítica:** humanizar é ajudar o educando a compreender sua realidade, identificar injustiças e perceber-se como agente de transformação.
- » **Educação como prática ética:** não há neutralidade na educação; educar é sempre uma escolha ética em favor da dignidade humana.

Para Freire, ninguém humaniza ninguém sozinho. A humanização é um processo coletivo, construído na relação pedagógica, na escuta, no diálogo e no compromisso com a justiça social. Por isso, o papel do professor é profundamente humano: não apenas transmitir conhecimento, mas criar condições para que os estudantes se reconheçam como sujeitos históricos, capazes de sonhar, questionar e transformar o mundo.

Em síntese, falar de humanização em Paulo Freire é afirmar que educar é um ato de amor, coragem e esperança, e que a escola deve ser um espaço onde as pessoas aprendem conteúdos, mas, sobretudo, aprendem a ser mais humanas.

# Pedagogia do Oprimido

Sua obra mais conhecida, *Pedagogia do Oprimido*, foi traduzida para mais de 30 idiomas, incluindo inglês, espanhol, francês, alemão, italiano, sueco, japonês, coreano, árabe e diversas línguas africanas. É um dos livros de educação mais citados no mundo e figura entre as obras mais influentes das ciências humanas em *rankings* internacionais.

## **CONCEITOS CENTRAIS** DA PEDAGOGIA DO OPRIMIDO

Na *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire apresenta ideias que dialogam diretamente com a prática docente:

- » Educação como prática da liberdade: ensinar não é domesticar, mas criar condições para que o estudante leia o mundo criticamente.
- » Consciência crítica (conscientização): o aluno não é um recipiente vazio, mas um sujeito histórico capaz de compreender e transformar a realidade.
- » Diálogo: o conhecimento se constrói na troca entre educador e educando, e não na imposição unilateral.
- » Crítica à educação bancária: Freire rejeita o modelo em que o professor “deposita” conteúdos no aluno sem relação com sua vida concreta.
- » Educação problematizadora: parte da realidade do estudante, de seus conflitos, linguagem e cultura.

Esses conceitos explicam por que Paulo Freire é tão valorizado mundialmente: **ele ofereceu uma pedagogia com sentido ético, político e humano, especialmente relevante em contextos de desigualdade social.**



A seguir estão os principais títulos das obras de Paulo Freire, amplamente estudadas no Brasil e no mundo, especialmente na formação de professores e nas ciências humanas:

1. Pedagogia do Oprimido
2. Pedagogia da Autonomia
3. Educação como Prática da Liberdade
4. Pedagogia da Esperança
5. A Importância do Ato de Ler
6. Extensão ou Comunicação?
7. Conscientização
8. Cartas à Guiné-Bissau
9. Professora sim, tia não
10. À Sombra desta Mangueira

Essas obras apresentam, de forma progressiva, os fundamentos da pedagogia freireana: diálogo, humanização, consciência crítica, ética, esperança e o compromisso político da educação.

## Método de alfabetização de Paulo Freire e sua metodologia geral

É fundamental, professores, diferenciar o método de alfabetização de Paulo Freire de sua metodologia pedagógica geral, pois essa confusão é muito comum.

O método de alfabetização de Paulo Freire foi desenvolvido para jovens e adultos não alfabetizados, inicialmente no Brasil, na década de 1960. Ele se baseia em:

- » Palavras geradoras, retiradas do cotidiano dos educandos (como “trabalho”, “terra”, “pão”);
- » Associação entre leitura da palavra e leitura do mundo;
- » Alfabetização articulada à consciência social e política.

Esse método foi aplicado com sucesso no Brasil, no Chile, em países da África (como Guiné-Bissau, Moçambique e Angola) e em projetos de educação popular na América Latina, Europa e Estados Unidos. Hoje, ele ainda é utilizado e adaptado em programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), educação popular, movimentos sociais e projetos comunitários ao redor do mundo.

## METODOLOGIA DE PAULO FREIRE: ALGO MAIS AMPLO

Já a metodologia de Paulo Freire não é um “método pronto”, nem um roteiro fechado de aulas. Trata-se de uma concepção pedagógica, um modo de pensar e organizar o ensino, que pode ser aplicado em qualquer etapa da educação, da educação infantil ao ensino superior.

Essa metodologia envolve:

- » Currículos contextualizados;
- » Valorização da cultura do estudante;
- » Avaliação formativa;
- » Ensino baseado em problemas reais;
- » Relação horizontal entre professor e aluno.

Por isso, quando se diz que “Paulo Freire está no currículo”, isso não significa aplicar seu método de alfabetização em todas as séries, mas sim assumir seus princípios pedagógicos.

## ONDE PAULO FREIRE ESTÁ PRESENTE NO CURRÍCULO EDUCACIONAL

Paulo Freire é estudado e referenciado:

- » Em cursos de Pedagogia e Licenciaturas no Brasil e no exterior;
- » Em disciplinas de Didática, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Políticas Educacionais;
- » Em diretrizes de educação popular, EJA e formação de professores;
- » Em currículos e projetos educacionais de países da América Latina, África do Sul, Canadá, Finlândia e outros.

No Brasil, sua presença no currículo está ligada à formação crítica do educador, ao debate sobre democracia, inclusão, justiça social e direitos humanos.

Professoras e professores, pedagogas e pedagogos e demais profissionais da educação, Paulo Freire não oferece receitas, mas provoca reflexões profundas sobre nosso papel em sala de aula. Seu valor no mundo está exatamente nisso: **lembrar que ensinar é um ato ético, político e profundamente humano, e que educar é sempre um exercício de diálogo e esperança.**

# Vozes de estudantes que inspiram

## Depoimento de estudante da Educação Básica (mulher trans)

*“Minha maior dificuldade na escola sempre foi em relação aos alunos. Alguns professores apoiam, outros são preconceituosos e fingem não ser, mas os alunos não disfarçam. Qualquer pessoa que não seja cis ou heterossexual acaba sendo alvo de piadas e preconceito. Quando percebi isso, comecei a me guardar. Mesmo tendo vontade de me assumir e de escrever ‘Sofia’ na chamada, senti que o ambiente seria hostil, com julgamentos e constrangimentos, e por medo do bullying optei por me assumir apenas para alguns amigos.*

*Se a escola fosse acolhedora e inclusiva, minha vida teria melhorado muito. Um ambiente seguro, no qual fosse possível se sentir bem consigo mesma, faria toda a diferença. Acredito que ações de conscientização, como palestras, ajudariam a mostrar que ser diferente não significa merecer desrespeito. Para quem não tem apoio da família, a escola poderia atuar como um segundo lar, oferecendo acolhimento e tornando o ambiente escolar mais tranquilo.”*



## **Depoimento de estudante da Educação Básica** (homem trans)

*“Desde que me assumi como homem trans, passei a sofrer exclusão dentro da sala de aula. Muitos colegas me ignoravam, fingiam que eu não existia e evitavam qualquer aproximação. Um dos maiores desconfortos era o uso do banheiro: eu não me sentia seguro no masculino por medo de olhares, risadas ou agressões, e no feminino também era alvo de julgamento. Por isso, cheguei a parar completamente de usar o banheiro na escola.*

*No Ensino Fundamental, me assumi primeiro para algumas amigas, e com o tempo toda a escola acabou sabendo. Nunca houve um apoio institucional nesse processo, o que aumentou meu medo e insegurança. Em relação aos professores, alguns respeitavam meu nome social espontaneamente, o que foi muito importante, mas outros se recusavam a fazê-lo por opinião pessoal.*

*Se a escola fosse realmente acolhedora e inclusiva, minha vivência teria sido muito diferente. A falta de amizades masculinas me afetou profundamente, pois eram justamente os meninos que mais me excluía. Embora houvesse um respeito pedagógico, muitas vezes ele parecia forçado, motivado apenas pelo ‘politicamente correto’. No Ensino Médio, precisei confrontar professores e pedagogos para ter meu nome social respeitado. Acredito que, se as escolas fossem preparadas para acolher a diversidade, eu teria vivido menos sofrimento, menos estresse e teria me sentido mais reconhecido e pertencente.”*



## Depoimento de estudante da Educação Básica (homem trans)

*“Ser uma criança e um adolescente trans é um desafio constante. Desde pequeno, sempre soube que as expectativas relacionadas ao que era considerado feminino não me representavam. Estudar em uma escola pública em um contexto social conservador intensificou as dificuldades, pois fui alvo de comentários ofensivos sobre minha aparência, voz e comportamento. Com o aumento da homofobia, passei a me esconder e a acreditar que tudo aquilo fosse apenas uma fase.*

*Durante a pandemia, tive maior acesso a informações sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e comecei a compreender minha identidade, passando por um período de dúvidas até conseguir me reconhecer como um homem trans. Esse processo foi marcado por conflitos, falta de aceitação de familiares, amigos e professores, além da disforia relacionada à imagem corporal.*

*Ao mudar de escola, vivi inicialmente uma experiência acolhedora, com respeito por parte de professores, funcionários e colegas. No entanto, mudanças na gestão provocaram retrocessos, criando um ambiente hostil, especialmente para estudantes trans. Situações envolvendo imposições religiosas, desrespeito ao nome social e restrições ao uso de banheiros passaram a ser frequentes, gerando medo e silenciamento.*

*Acredito que seja fundamental investir na formação de professores e funcionários para lidar com a diversidade presente na escola e na sociedade. O respeito à identidade de gênero não depende de documentos, mas de reconhecimento e empatia. Uma escola verdadeiramente inclusiva pode evitar que estudantes trans sejam desrespeitados e invisibilizados em sala de aula.”*



## **Relato de uma estudante trans feminina**

*"A escola sempre foi apresentada como um lugar onde o mundo se expande, onde fazemos amigos e desenvolvemos conhecimento e criatividade. Para mim, porém, essa experiência foi diferente por eu ser uma pessoa trans.*

*Quando entrei na escola, comecei a viver a primeira grande confusão sobre quem eu era. Em casa, não havia distinção entre coisas "de menino" ou "de menina", mas na escola fui obrigada a me encaixar em uma divisão que não fazia sentido para mim. Não queria estar na fila dos meninos, mas também não podia estar na das meninas. Eu não sabia qual era o meu lugar.*

*Ainda nos primeiros anos, sofri violências físicas e verbais por ser considerada "afeminada". Passei a odiar ir à escola, mesmo sendo uma aluna dedicada que queria aprender e tirar boas notas para que o tempo passasse mais rápido. Com o tempo, fui me blindando, tentando suportar as piadas e a exclusão, embora continuassem a me machucar. Faltava apoio, e não se falava sobre identidade de gênero de forma respeitosa, o que me fez crescer acreditando que havia algo de errado comigo.*

*Apesar de tudo, encontrei pessoas que fizeram diferença na minha trajetória: amigos que me acolheram e me defenderam, professores que se posicionaram contra a violência e ofereceram suporte. Pequenos gestos de empatia foram fundamentais para que eu não me perdesse nem me odiasse.*

*Hoje, reconheço que ainda há um longo caminho para que a escola seja, de fato, um espaço seguro, inclusivo e digno para pessoas trans. Garantir isso não é uma questão ideológica, mas uma questão de humanidade."*



# CAPÍTULO 2



# Condicionantes da prática docente na abordagem da sexualidade:

## Situação-limite

**Situação-limite, no trabalho com a sexualidade**, é todo obstáculo histórico, cultural ou institucional que dificulta ou impede o diálogo sobre o tema na escola, mas que pode ser superado quando reconhecido criticamente e enfrentado por meio da prática pedagógica consciente.

Falar de sexualidade na escola não é falar apenas de sexo. É falar de corpo, sentimentos, respeito, limites, afeto, identidade, convivência e proteção. É falar daquilo que atravessa a vida de todas as pessoas, desde a infância, mesmo quando fingimos que não atravessa.

A UNESCO define a educação para a sexualidade como um processo educativo contínuo, que contribui para que crianças, adolescentes e jovens desenvolvam conhecimentos, valores e atitudes para viver sua sexualidade de forma saudável, responsável, respeitosa e segura. Não é algo pontual, nem uma “aula isolada”, mas uma conversa que acompanha o desenvolvimento humano.

Uma educação para a sexualidade de qualidade ajuda a:

- » fortalecer a autoestima;
- » promover o respeito às diferenças;
- » prevenir violências, abusos e discriminações;
- » apoiar escolhas mais conscientes;
- » construir relações baseadas no cuidado e no consentimento.

# Por que é tão importante falar sobre Sexualidade?

Porque o silêncio não protege. O que protege é a informação adequada, o diálogo aberto e a escuta atenta.

Quando a escola não fala sobre sexualidade, os estudantes aprendem sozinho, muitas vezes pela internet, por colegas ou por fontes que reforçam medo, preconceito e desinformação. A educação para a sexualidade oferece algo diferente: um espaço seguro, onde perguntas podem existir sem vergonha e onde ninguém é ridicularizado por não saber.

Além disso, abordar o tema contribui diretamente para:

- » prevenção da violência sexual;
- » enfrentamento do bullying e da LGBTfobia;
- » promoção da equidade de gênero;
- » cuidado com a saúde física e emocional.

## **COMO ABORDAR**

### **A SEXUALIDADE NA ESCOLA?**

Que a abordagem seja:

- » **Adequada à idade:** cada fase da vida pede uma conversa diferente, com linguagem e profundidade compatíveis.
- » **Baseada no respeito:** às crenças, às culturas e às histórias de cada estudante.
- » **Científica e responsável:** com informações corretas, sem alarmismo.
- » **Dialógica:** mais escuta do que discurso, mais conversa do que palestra.
- » **Livre de julgamentos:** ninguém aprende quando sente medo ou vergonha.

**Não é sobre “ensinar respostas prontas”,  
mas sobre abrir caminhos para perguntas.**

## UMA LINGUAGEM QUE ACOLHE, NÃO QUE ASSUSTA

Assim como Paulo Freire nos ensinou, educar é um ato de diálogo. Na educação para a sexualidade, isso é ainda mais verdadeiro. O tom importa. A postura importa. O olhar importa.

Falar com acolhimento é:

- » chamar o corpo pelo nome, sem tabu;
- » validar dúvidas como parte do aprender;
- » usar exemplos do cotidiano;
- » reconhecer que nem sempre o educador terá todas as respostas – e tudo bem.

**A escola não precisa saber tudo,  
mas precisa estar disponível para ouvir.**



Este almanaque nasce com esse espírito: informar sem assustar, orientar sem impor, acolher sem julgar. **Porque falar de sexualidade é, no fundo, falar de cuidado, de dignidade e de direito de ser quem se é.**

# CAPÍTULO 3



# Movimentos de enfrentamento e construção da práxis pedagógica:

## Ato-limite

▲ **to-limite é a ação pedagógica consciente** que enfrenta uma situação-limite, rompendo com o silêncio e possibilitando a construção de práticas educativas mais justas e inclusivas no trabalho com a sexualidade.

### **SEXUALIDADE SEM CONFUSÃO:** ENTENDENDO CONCEITOS PARA GUIDAR, RESPEITAR E EDUCAR

Depois de abirmos espaço para falar sobre educação para a sexualidade, é importante conversar sobre alguns conceitos que costumam gerar dúvidas, medos e até desinformação. Muitas dessas confusões não nascem da escola, mas de fake news que circulam fora dela.



**Vamos, com calma,  
organizar essas  
ideias.**

### **Homossexualidade (e não “homossexualismo”)**

O termo correto é homossexualidade.

- » Homossexualismo não deve ser usado porque o sufixo “ismo” foi, no passado, associado à ideia de doença.
- » A homossexualidade não é doença, distúrbio ou desvio.

Pessoas gays e lésbicas sempre existiram em todas as culturas e épocas da história. Hoje, a ciência, a medicina e os organismos internacionais reconhecem isso com clareza.

👉 Ser gay ou lésbica não se aprende. Não é influência. Não é escolha.

### **Orientação sexual (e não “opção sexual”)**

O termo correto é orientação sexual.

- » Opção dá a ideia de escolha consciente, como escolher uma roupa ou um caminho.
- » A orientação sexual diz respeito a por quem a pessoa sente afeto, atração emocional e/ou sexual.

Alguns exemplos de orientação sexual:

- » heterossexual
- » homossexual (gay ou lésbica)
- » bissexual
- » assexual

👉 Ninguém “vira” gay porque ouviu falar sobre isso na escola. Informação não muda orientação sexual – só reduz preconceito.

### **Identidade de gênero (e não “ideologia de gênero”)**

Identidade de gênero é como a pessoa se reconhece internamente: como homem, mulher, ambos, nenhum ou de outras formas.

O termo “ideologia de gênero” não é um conceito científico. Ele não aparece em documentos educacionais nem em orientações de organismos como a UNESCO. É uma expressão criada para gerar medo e confusão.

- 👉 Falar de identidade de gênero não é ensinar ideologia.
- 👉 É reconhecer que as pessoas existem e merecem respeito.

## **NOMENCLATURAS IMPORTANTES**

(SEM COMPLICAR)

### **Identidade de gênero**


Como a pessoa se identifica:

- » mulher cisgênero (se identifica com o gênero atribuído no nascimento)
- » homem cisgênero (se identifica com o gênero atribuído no nascimento)
- » mulher trans
- » homem trans
- » pessoa não binária

### **Orientação sexual**

Por quem a pessoa sente atração:

- » heterossexual
- » homossexual
- » bissexual
- » assexual

 Uma coisa não depende da outra.


Uma pessoa trans pode ser hetero, gay, bi ou assexual.

### **Identidade sexual (quando o termo aparece)**

O termo identidade sexual costuma ser usado de forma ampla para falar do conjunto de vivências da sexualidade, incluindo corpo, afetos, desejos e identidade. Hoje, é mais comum usar termos específicos como identidade de gênero e orientação sexual, para evitar confusões.

### **Nome social**

Nome social é o nome pelo qual a pessoa deseja ser chamada, especialmente pessoas trans.

 Usar o nome social:

- » não “incentiva” ninguém a ser trans;
- » não muda a identidade de ninguém;
- » demonstra respeito e reduz sofrimento.

Na escola, chamar o estudante pelo nome que ele reconhece é uma forma básica de cuidado.

## Linguagem neutra

A linguagem neutra é uma proposta social que busca incluir pessoas que não se reconhecem no masculino ou feminino.

👉 Importante esclarecer:

- » não é obrigatória;
- » não faz parte do currículo oficial;
- » não é exigida pela escola.

O mais importante não é dominar uma nova linguagem, mas não usar a linguagem para humilhar ou excluir.

## VAMOS SER CLAROS:

### A ESCOLA NÃO “ENSINA NINGUÉM A SER GAY”

A escola:

- » não transforma orientação sexual;
- » não cria identidades;
- » não “influencia” quem alguém é.

As pessoas nascem lésbicas, gays, bissexuais, trans, ou se reconhecem assim ao longo da vida. O que a escola pode e deve fazer é:

- » ensinar respeito;
- » prevenir violência;
- » garantir que ninguém seja silenciado ou humilhado.

Educação para a sexualidade não cria identidades.

**Ela protege vidas.**

Para fechar

Falar sobre esses conceitos não é exagero.

É informação correta, cuidado e compromisso com a dignidade humana.

**Quando a escola escolhe o diálogo no lugar do medo, ela cumpre seu papel mais bonito: educar para a convivência, o respeito e a vida.**

# Dúvidas comuns que surgem na escola

## EM INSCRIÇÕES DE CONCURSOS E VESTIBULARES: COMO APARECEM ESSAS INFORMAÇÕES

Nos formulários, as perguntas não são conceituais, nem avaliativas. Elas servem apenas para cadastro e identificação.

### **Sexo**

Geralmente aparece como “Sexo” ou “Sexo biológico”.

👉 Normalmente as opções são:

- » Masculino
- » Feminino

Em alguns sistemas mais atualizados, pode aparecer:

- » Intersexo
- » Prefiro não informar

👉 Essa informação costuma estar ligada a dados estatísticos ou administrativos.

### **Identidade de gênero**

Quando aparece, vem separada do campo “sexo”.

👉 Pode aparecer como:

- » Mulher
- » Homem
- » Mulher trans
- » Homem trans
- » Não binário
- » Outro
- » Prefiro não informar


👉 Serve para respeito à identificação da pessoa, não interfere na prova nem na nota.



### Nome social

Alguns formulários perguntam:





» “Deseja utilizar nome social?”

 Se a pessoa marcar sim, o nome social pode aparecer:

- » em listas de chamada
- » no cartão de inscrição
- » em comunicações oficiais

 O nome civil continua no cadastro interno, conforme documentos.

### O que é importante deixar claro

- »  Isso não é pergunta de prova
- »  Não avalia orientação sexual
- »  Não interfere no desempenho
- »  Não “classifica” ninguém

É apenas identificação e respeito ao candidato.

## **USO DO NOME SOCIAL POR ESTUDANTES MENORES DE IDADE**

### **1. Objetivo**

Garantir o direito à dignidade, ao respeito e à proteção integral de estudantes menores de idade que solicitam o uso do nome social, assegurando práticas pedagógicas seguras e não violentas.

### **2. Princípio fundamental**

- » O pedido do estudante é suficiente para o uso do nome social no cotidiano escolar.

**Não é necessária autorização prévia da família.**

- » Este princípio existe para proteger o estudante, inclusive em situações de risco de violência doméstica, psicológica ou emocional.

### **3. Acolhimento do estudante**

- » Escutar o estudante com respeito e sem questionamentos.
- » Garantir sigilo e cuidado para evitar exposição.
- » Informar a coordenação pedagógica/orientação educacional para acompanhamento.

### **4. Uso do nome social no cotidiano escolar**

O nome social deve ser utilizado:

- » na chamada oral;
- » na sala de aula;
- » em atividades pedagógicas;
- » em interações cotidianas.

 Esse uso não depende de alteração em documentos oficiais.

### **5. Documentos oficiais**

O nome civil deve ser mantido:

- » em históricos escolares;
- » em atas;
- » em sistemas oficiais.

O nome social pode constar em registros internos pedagógicos, quando possível.

## 6. Comunicação com a família

Atenção!

O que **NÃO** deve ser feito

- » ❌ Não chamar a família para “autorizar” o uso do nome social
- » ❌ Não comunicar automaticamente a família sobre o nome social
- » ❌ Não expor o estudante sem seu consentimento
- » 🖱️ A comunicação com a família, quando ocorrer, deve ser avaliada com cautela, considerando sempre:
  - » a segurança do estudante;
  - » sua vontade;
  - » possíveis riscos de violência doméstica.
- » 📌 A escola não pode passar por cima do estudante em nome de uma suposta autorização familiar.

## 7. Proteção dos profissionais da educação

Professoras, professores, pedagogas e equipes escolares **não** serão punidos por:

- » respeitar o nome social do estudante;
- » agir com base no cuidado, no acolhimento e na proteção.

O uso do nome social é uma prática pedagógica de respeito, alinhada a princípios educacionais e de direitos humanos, inclusive os defendidos pela UNESCO.

🖱️ Respeitar o nome social não configura infração, indisciplina ou ilegalidade.

## 8. Responsabilidade da escola

Proteger o estudante é prioridade.

Evitar qualquer ação que possa gerar:

- » constrangimento;
- » sofrimento;
- » exposição;
- » violência doméstica ou institucional.

## 9. O que a escola **NÃO** deve fazer

Reforço!

- » Não exigir autorização da família.
- » Não comunicar a família sem avaliar riscos.
- » Não negar o nome social por medo de represália.
- » Não tratar o pedido como problema disciplinar.

## 10. Princípio orientador final

Quando a escola respeita o nome social, ela salva vínculos, protege vidas e cumpre seu papel educativo.

---

## USO DE BANHEIROS POR ESTUDANTES TRANSGÊNEROS

### 1. Princípio fundamental

👉 Todo estudante tem direito de usar o banheiro de acordo com sua identidade de gênero.

Este é um princípio de dignidade humana, segurança e não discriminação, defendido pela UNESCO e por organismos de direitos humanos.

### 2. O que isso significa, na prática

- » Estudantes trans devem utilizar o banheiro correspondente à sua identidade de gênero.
- » Não é exigida autorização da família, laudo médico ou alteração de documentos.
- » O pedido do estudante é suficiente.

👉 Negar o acesso ou obrigar o uso de um banheiro que não corresponde à identidade de gênero gera constrangimento e violência institucional.

### 3. Banheiro “separado” ou “alternativo” Atenção!

- » ❌ A escola não pode obrigar o estudante trans a usar um banheiro separado, como o banheiro de pessoas com deficiência (PCD).
- » Um banheiro individual ou neutro pode ser oferecido como opção, nunca como imposição.

👉 Obrigar o uso separado reforça exclusão e estigmatização.

### 4. Acolhimento e sigilo

A equipe escolar deve:

- » acolher o estudante com respeito;
- » garantir discrição;
- » evitar exposição diante de colegas.

O uso do banheiro não deve ser anunciado nem justificado publicamente.

## 5. Comunicação com a família – cuidado essencial

✗ A escola não deve comunicar automaticamente a família sobre o uso do banheiro.

✗ Não se deve pedir “autorização” familiar.

➡ Qualquer diálogo com a família deve:

- » considerar a vontade do estudante;
- » avaliar riscos de violência doméstica;
- » ser mediado pela equipe pedagógica.

➡ A proteção do estudante é prioridade.

## 6. Proteção dos profissionais da educação

Professoras, professores, pedagogas e gestores **NÃO** podem ser punidos por:

- » respeitar a identidade de gênero do estudante;
- » permitir o uso do banheiro correspondente;
- » agir para proteger o estudante.

➡ Essa conduta é pedagógica, ética e legal, alinhada às orientações internacionais da UNESCO.

## 7. Prevenção de conflitos e violências

A escola deve:

- » intervir imediatamente em casos de bullying ou constrangimento;
- » orientar a comunidade escolar sobre respeito e convivência;
- » reforçar que o banheiro é um espaço de uso funcional, não de vigilância.

➡ Não há evidências de aumento de violência quando estudantes trans usam o banheiro conforme sua identidade.

## 8. O que a escola **NÃO** deve fazer

✗ Impedir o acesso ao banheiro

✗ Expor o estudante

✗ Criar regras específicas apenas para estudantes trans

✗ Usar o banheiro como forma de punição ou controle

## 9. Princípio orientador final

Garantir o uso do banheiro conforme a identidade de gênero é uma medida de proteção, não um privilégio.

## **LINGUAGEM INCLUSIVA:**

### **O QUE É, COMO USAR E EXEMPLOS PRÁTICOS PARA PROFESSORES**

#### **1. O que é linguagem inclusiva?**

Linguagem inclusiva é a forma de se comunicar – oralmente ou por escrito – de modo a respeitar e incluir todas as pessoas, evitando termos que excluam, invisibilizem ou reforcem preconceitos relacionados a gênero, raça, deficiência, idade, orientação sexual, religião ou condição social.

Ela busca garantir que todas as pessoas se sintam representadas na comunicação.

Em termos simples:

**Linguagem inclusiva é comunicar-se com respeito, clareza e consciência social.**

#### **2. Por que usar linguagem inclusiva na educação?**

Na escola, a linguagem:

- » Forma identidades
- » Constrói pertencimento
- » Influencia autoestima
- » Modela comportamentos sociais

Quando o professor utiliza linguagem inclusiva, ele:

- ✓ Promove respeito
- ✓ Valoriza a diversidade
- ✓ Combate preconceitos
- ✓ Constrói ambiente seguro
- ✓ Desenvolve consciência cidadã

**A linguagem  
também educa,  
não apenas o conteúdo.**



### 3. Como usar linguagem inclusiva na prática?

A seguir, orientações didáticas com exemplos aplicáveis ao cotidiano escolar.

#### a. Evitar o masculino genérico

Na língua portuguesa, o masculino plural costuma ser usado para se referir a grupos mistos. A linguagem inclusiva propõe alternativas mais abrangentes.

✗ Forma tradicional:

- » “Os alunos deverão entregar o trabalho.”
- » “Bom dia a todos.”

✓ Forma inclusiva:

- » “Os alunos e as alunas deverão entregar o trabalho.”
- » “Bom dia a todas e todos.”
- » “Bom dia, turma.”
- » “Bom dia, pessoal.”

💡 Dica didática: Prefira termos coletivos quando possível:

- » Turma
- » Estudantes
- » Equipe
- » Grupo
- » Pessoal
- » Comunidade escolar

#### b. Evitar termos que reforcem estereótipos

✗ Exemplos inadequados:

- » “Meninos são melhores em matemática.”
- » “Isso é coisa de menina.”
- » “Seja homem!”

✓ Alternativas:

- » “Cada estudante aprende de uma forma.”
- » “Todas as pessoas podem desenvolver habilidades.”
- » “Seja responsável.”

A linguagem deve evitar associações entre gênero e capacidade.

**c. Respeitar identidade de gênero**

Quando possível e apropriado:

- » Perguntar como a pessoa prefere ser chamada.
- » Respeitar o nome social.
- » Utilizar pronomes corretos.

Exemplo prático:

“Gostaria de confirmar como você prefere ser chamado(a)?”

**d. Incluir pessoas com deficiência de forma respeitosa**

A recomendação atual é usar a expressão:

- ✓ Pessoa com deficiência
- ✗ “Deficiente”, “portador de deficiência”

Porque a deficiência não define a pessoa, é apenas uma característica.

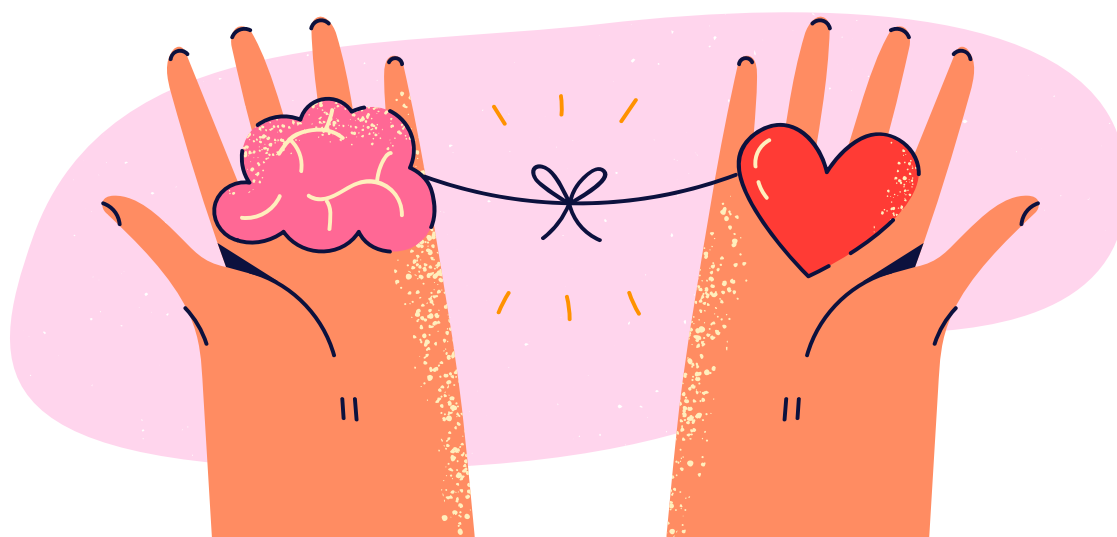
Exemplos:

- ✗ “Aluno especial.”
- ✓ “Aluno com deficiência.”
- ✗ “Ela sofre de autismo.”
- ✓ “Ela é uma pessoa com autismo.”

**e. Evitar expressões preconceituosas naturalizadas**

Muitas expressões comuns carregam preconceitos históricos.

Evitar	Preferir
“Mercado negro”	“Mercado ilegal”
“Lista negra”	“Lista restritiva”
“Humor de preto”	Não utilizar
“Programa para índio”	Não utilizar



## PRONOMES, FORMAS DE CHAMAR E **COMO AGIR COM RESPEITO** NA ESCOLA

### 1. Que pronomes usar?

👉 Use os pronomes que a pessoa pedir. É simples assim.

Exemplos:

- » “ela/dela”
- » “ele/dele”
- » “elu/delu” (quando a pessoa prefere linguagem neutra)

📌 Se o estudante não disser, não presuma.

### 2. Como chamar o estudante?

- » Chame pelo nome social, se houver pedido.
- » Caso não saiba, use o nome que consta na lista até poder perguntar em particular.

👉 Perguntar com respeito e em ambiente reservado é sempre melhor do que errar em público.

Exemplo simples:

“Como você prefere ser chamado(a)?”

### 3. E quando houver dúvida sobre identidade de gênero ou orientação sexual?

👉 Não é necessário saber tudo.

👉 Não é necessário perguntar tudo.

- » A orientação sexual é algo íntimo → não precisa ser questionada.
- » A identidade de gênero só importa se o estudante quiser compartilhar.

📌 Regra básica:

Se não é necessário para o trabalho pedagógico,  
**não pergunte.**



#### 4. O que fazer se errar o pronome ou o nome?

Errar pode acontecer. O mais importante é como você reage.

O que fazer:

- » Corrija rapidamente
- » Peça desculpa de forma simples
- » Continue normalmente

Exemplo:

“Desculpa, eu quis dizer *ela*. Vamos continuar.”

✗ O que não fazer:

- » Não se justificar demais
- » Não transformar em discurso
- » Não expor o estudante

👉 Quanto mais natural, melhor.

#### 5. Como lidar com a falta de vocabulário?

👉 Você não precisa dominar todos os termos.

Boas práticas:

- » Use o nome da pessoa
- » Evite rótulos
- » Use linguagem simples
- » Seja honesto(a)

Exemplo honesto e respeitoso:

“Ainda estou aprendendo, mas quero acertar.”

Isso constrói confiança.

#### 6. Linguagem neutra: como proceder?

A linguagem neutra não é obrigatória.

Se o estudante pedir, respeite.

Se não souber usar, priorize:

- » o nome;
- » frases sem marcação de gênero. Exemplo:
  - » “Bom dia, pessoal.”
  - » “Esse trabalho está muito bem feito.”

#### 7. O mais importante de tudo

Respeito vale mais que vocabulário perfeito

Escuta vale mais que certeza

Acolhimento vale mais que técnica

👉 A escola não precisa saber tudo.

👉 Precisa não ferir.

Regra de ouro (para educadores)

**Seja simples,  
seja respeitoso(a),  
seja humano(a).**

# “O feminismo é contra os homens?”

Essa pergunta aparece com frequência – entre estudantes, famílias e até entre educadores. E ela merece ser levada a sério, porque nasce, muitas vezes, da desinformação.

A resposta direta é: **não**.

O feminismo não é contra homens.

O feminismo é contra desigualdades e violências.

## O QUE É FEMINISMO, AFINAL?

De forma simples, o feminismo é um movimento social, político e histórico que defende que mulheres tenham os mesmos direitos, oportunidades e segurança que os homens.

Ele surge porque, ao longo da história:

- » mulheres foram excluídas da educação;
- » não puderam votar;
- » não puderam trabalhar ou decidir sobre a própria vida;
- » sofreram (e ainda sofrem) violências por serem mulheres.

👉 O feminismo não quer inverter opressões.

👉 Quer corrigir desigualdades.

## 🚫 DE ONDE VEM A IDEIA DE QUE É “CONTRA HOMENS”?

Essa confusão costuma vir de três lugares:

1. Fake news e caricaturas do feminismo nas redes sociais
2. Frases fora de contexto usadas para gerar medo
3. A dificuldade de ouvir críticas a estruturas sem entender como ataque pessoal

Importante esclarecer na escola:

Criticar o machismo não é atacar homens.

É questionar um sistema que prejudica mulheres e também muitos homens.

## 🧡 E OS HOMENS, ONDE ENTRAM NISSO?

Os homens:

- » não são inimigos do feminismo;
- » podem ser aliados;
- » também sofrem com cobranças rígidas de gênero (não chorar, não demonstrar sentimentos, ser sempre forte).

Um ponto importante para o debate escolar:

👉 O feminismo propõe relações mais justas, não uma guerra entre gêneros.

## 🏫 COMO ABORDAR ESSE TEMA NA ESCOLA?

Algumas estratégias seguras:

- » Trabalhar com direitos humanos, não com rótulos
- » Perguntar: “Por que igualdade incomoda algumas pessoas?”
- » Usar dados sobre desigualdade e violência
- » Evitar debates do tipo “quem sofre mais”
- » Reforçar que respeito não tira direitos de ninguém

❌ O que evitar na abordagem

- » Não ridicularizar a pergunta
- » Não tratar como “ignorância”
- » Não impor opiniões
- » Não transformar em confronto ideológico

👉 A escola explica, não acusa.

## 🌍 UM PONTO DE APOIO INSTITUCIONAL

Organismos internacionais como a ONU Mulheres reforçam que a igualdade de gênero beneficia toda a sociedade, reduz violências e amplia possibilidades para todos.

## 🌱 PARA FECHAR COM OS ESTUDANTES

Uma frase que ajuda muito:

Buscar igualdade não é ser contra alguém.

É ser contra a injustiça.

Ou ainda:

Direitos para uns não significam menos direitos para outros.

# “Mas afinal, o que é esse tal de *kit gay*?”

## 👉 O “kit gay” não existe.

Ele nunca existiu como material oficial distribuído nas escolas.

Esse nome foi criado para assustar, confundir e gerar medo, especialmente sobre a educação para a sexualidade.

## 📦 O QUE EXISTIU DE VERDADE?

O que houve, anos atrás, foi a elaboração de materiais educativos voltados para:

- » prevenção do bullying;
- » combate à violência e à discriminação;
- » promoção do respeito às diferenças.

Esses materiais:

- » ❌ não ensinavam ninguém a ser gay
- » ❌ não estimulavam práticas sexuais
- » ❌ não eram distribuídos para crianças pequenas

E, importante: não chegaram a ser aplicados de forma ampla nas escolas.

O apelido “kit gay” não era o nome do material – foi uma distorção usada politicamente.

## 🧠 POR QUE ESSA FAKE NEWS PEGA TÃO FORTE?

Porque ela mistura:

- » medo;
- » desconhecimento;
- » proteção mal direcionada;
- » temas que ainda geram tabu (sexualidade, gênero).

Na escola, vale esclarecer:

Informação não “transforma” ninguém.

Informação protege.

## COMO EXPLICAR ISSO AOS ESTUDANTES (E ÀS FAMÍLIAS)?

De forma simples:

- » A escola não ensina orientação sexual
- » A escola não define identidade de ninguém
- » A escola ensina:
  - » respeito;
  - » convivência;
  - » prevenção de violência;
  - » cuidado com o corpo e com o outro.

Uma frase que ajuda muito:

Não existe “kit gay”.

Existe educação para o respeito.

### O QUE A ESCOLA NÃO FAZ

- » Não incentiva ninguém a ser gay
- » Não muda a identidade de ninguém
- » Não sexualiza crianças

 **O que a escola faz é proteger.**



### PARA FECHAR O DEBATE

Você pode encerrar assim:

“Quando alguém fala em ‘kit gay’, está repetindo uma mentira. Na escola, o que existe é educação, cuidado e responsabilidade.”

Ou ainda:

“Medo se combate com informação, não com silêncio.”

# Ideologia de gênero existe na escola?

**Não.**

“Ideologia de gênero” não é um conceito pedagógico, científico ou educacional.


Esse termo **não** aparece:

- » nos currículos escolares;
- » na BNCC;
- » em leis educacionais;
- » em documentos de formação docente;
- » nem nas orientações de organismos internacionais, como a UNESCO.

## Então, de onde vem essa expressão?

A expressão “ideologia de gênero” foi criada fora da educação, principalmente:

- » em disputas políticas;
- » em campanhas de desinformação;
- » para gerar medo sobre temas como sexualidade, gênero e diversidade.

 Ela não descreve uma prática real da escola.


## O que existe de verdade na escola?


O que a escola trabalha é:

- » educação para o respeito
- » prevenção de violências e bullying
- » direitos humanos
- » convivência e cidadania
- » cuidado com o corpo e com as emoções

Em alguns momentos, isso envolve falar de:

- » diferenças entre as pessoas;
- » respeito entre meninos e meninas;
- » combate à discriminação;
- » proteção de crianças e adolescentes.

 Isso não é ideologia.

 Isso é educação.

## ⊘ A escola ensina alguém a ser alguma coisa?

- ✗ Não ensina a ser gay
- ✗ Não ensina a ser trans
- ✗ Não muda identidade de ninguém
- ✗ Não interfere na família

A escola ensina a conviver

Ensina a respeitar

Ensina a proteger

## 🏫 Como explicar isso de forma simples?

Uma frase que ajuda muito:

A escola não ensina ideologia.

A escola ensina respeito.

Ou ainda:

Falar de respeito não cria identidade.

Evita violência.

## ⚠️ Por que é importante esclarecer isso?

Porque o medo baseado em desinformação:

- » silencia professores;
- » impede diálogo;
- » deixa estudantes desprotegidos;
- » aumenta a violência e o preconceito.

👉 Silenciar não protege.

👉 Informação responsável, sim.



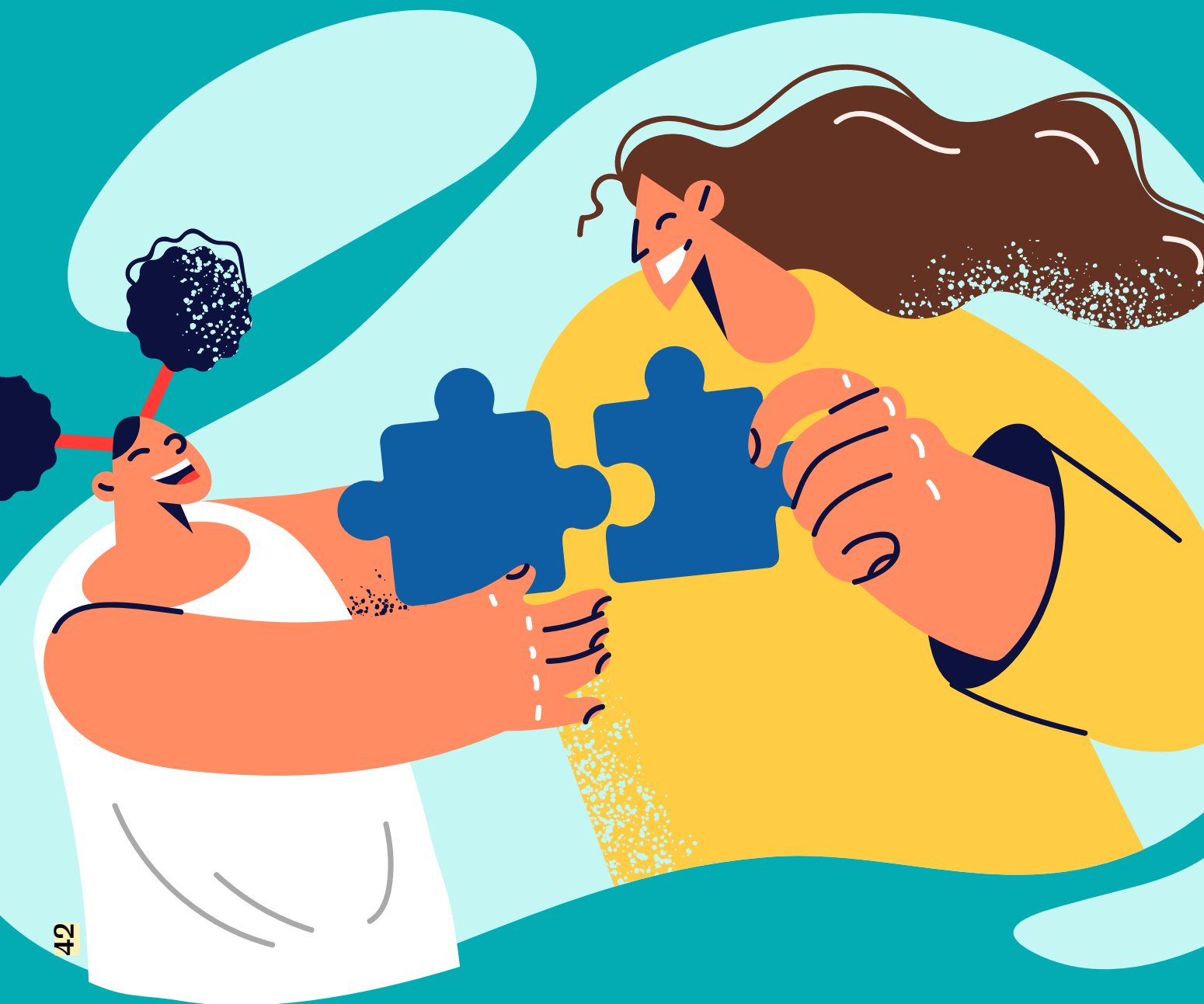
## 🌱 Para fechar

Quando alguém pergunta se existe “ideologia de gênero” na escola, a resposta pode ser:

Não existe ideologia de gênero na escola.


O que existe é educação para o respeito, para a convivência e para a dignidade humana.

# CAPÍTULO 4



# Ampliação da consciência ética e pedagógica:

## O ser mais na prática docente

 **er mais, na perspectiva freireana,** é a possibilidade histórica de professores e estudantes se afirmarem como sujeitos de direitos, dignidade e transformação, superando práticas de silenciamento e desumanização, especialmente no trabalho com a sexualidade na escola.

### O TRABALHO PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

Falar de educação para a sexualidade na escola não é acrescentar mais uma disciplina, nem transformar a sala de aula em um espaço de constrangimento. É, acima de tudo, trabalho pedagógico intencional, feito com diálogo, escuta e conexão com a realidade dos estudantes.

#### Partir da problematização

Um dos caminhos mais potentes é a problematização.

Isso significa:

- » partir de situações reais do cotidiano dos estudantes;
- » acolher dúvidas, conflitos e curiosidades;
- » transformar perguntas em reflexão.

Em vez de respostas prontas, o educador provoca:

- » “Por que isso acontece?”
- » “Como nos sentimos diante disso?”
- » “Que impactos isso tem na vida das pessoas?”

## Contextualizar é fundamental

A educação para a sexualidade precisa fazer sentido.

Por isso, é importante:

- » considerar a faixa etária;
- » respeitar o contexto social e cultural;
- » relacionar o tema com situações vividas na escola, na família e na comunidade.

Sem contexto, vira discurso.

Com contexto, vira aprendizagem.

## Aulas interdisciplinares: um grande aliado

A sexualidade atravessa todas as áreas do conhecimento.

Ela pode aparecer:

- » na Língua Portuguesa (textos, debates, produção escrita);
- » na História (direitos humanos, movimentos sociais);
- » na Ciências/Biologia (corpo, saúde);
- » na Geografia (culturas, diversidade);
- » na Arte (expressão, identidade);
- » na Educação Física (corpo, respeito, convivência).


 Nenhuma área “perde conteúdo”. Todas ganham sentido.

## Buscar formação é parte do processo

Ninguém nasce pronto para trabalhar o tema.

É legítimo e necessário:

- » buscar formação continuada;
- » participar de palestras, cursos e rodas de conversa;
- » estudar materiais de referência, como os da UNESCO.

 Formação não é sinal de fraqueza, é compromisso profissional.

## 👩👨 Qualquer professor pode abordar sexualidade?

✓ Sim, qualquer professor pode abordar o tema, desde que:

- » demonstre tranquilidade;
- » esteja minimamente preparado;
- » use linguagem adequada à idade;
- » respeite limites e o diálogo.

! Mas atenção:

Nenhum professor deve ser forçado a trabalhar o tema se não se sente à vontade naquele momento.

👉 O desconforto do educador pode virar insegurança para o estudante.

## 💛 Trabalho multidisciplinar e transdisciplinar

A educação para a sexualidade:

- » pode ser multidisciplinar (cada área contribui);
- » deveria ser transdisciplinar (o tema atravessa toda a escola).

Isso evita:

- » abordagens isoladas;
- » sobrecarga em um único professor;
- » discursos fragmentados.





## Projetos: o formato mais potente

Trabalhar por projetos é uma das melhores estratégias.

Projetos permitem:

- » diálogo contínuo;
- » debates mediados;
- » participação ativa dos estudantes;
- » envolvimento da comunidade escolar.

 Sexualidade não se resolve em uma aula.

 Ela se constrói em processo.

## Dialogar, debater, escutar

O centro desse trabalho não é o conteúdo, é a relação.

- » ouvir os estudantes;
- » respeitar opiniões;
- » mediar conflitos;
- » garantir um espaço seguro de fala.

Educação para a sexualidade não é palestra pronta, é conversa qualificada.



## Para fechar

Trabalhar sexualidade na escola é:

- » educar para o respeito;
- » prevenir violências;
- » fortalecer vínculos;
- » formar pessoas inteiras.

Quando a escola dialoga, problematiza e contextualiza, ela cumpre seu papel mais bonito: educar para a vida em sociedade.



# Checklist pedagógico

## EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE NA ESCOLA

Use este checklist para planejar, avaliar ou iniciar o trabalho pedagógico.

### Planejamento e postura

- O tema foi pensado a partir da realidade dos estudantes
- A abordagem considera a faixa etária
- A linguagem é simples, respeitosa e não alarmista
- O educador demonstra tranquilidade ao falar do tema
- Não há imposição a professores que não se sentem à vontade

### Metodologia

- O trabalho parte da problematização, não de respostas prontas
- As aulas são dialogadas, com espaço para escuta
- Há espaço para dúvidas sem julgamento
- O tema não aparece de forma isolada ou improvisada

### Contextualização

- Os conteúdos dialogam com o cotidiano dos estudantes
- A escola considera o contexto social e cultural da comunidade
- Situações reais são usadas como ponto de partida

### Interdisciplinaridade

- Mais de uma área do conhecimento está envolvida
- Cada disciplina contribui a partir de seu olhar
- O tema não fica restrito a uma única matéria

### Transdisciplinaridade

- A sexualidade é tratada como tema que atravessa a escola
- O trabalho dialoga com valores, convivência e direitos
- Há articulação entre professores, coordenação e gestão

### Organização por projetos

- O trabalho é planejado em forma de projeto
- Há continuidade (não é uma única aula)
- Os estudantes participam ativamente
- Há momentos de debate e reflexão coletiva

### Formação e apoio

- A equipe busca formação continuada
- Palestras, rodas de conversa ou estudos foram considerados
- Materiais confiáveis são utilizados

### Proteção e cuidado

- O ambiente é seguro para falas e silêncios
- Não há exposição de estudantes
- Situações de desrespeito são mediadas imediatamente

**✓ Se a maioria dos itens estiver marcada, o trabalho está no caminho certo.**

# Roteiro de projeto interdisciplinar

## Educação para a Sexualidade

### Título do projeto

“Corpo, respeito e convivência: dialogando sobre sexualidade na escola”

### Objetivo geral

Promover a educação para a sexualidade por meio do diálogo, da problematização e do trabalho interdisciplinar, fortalecendo o respeito, a convivência e a autonomia dos estudantes.

### Público-alvo

( ) Anos Iniciais

( ) Anos Finais

( ) Ensino Médio

*(adequar linguagem e atividades à etapa)*

### Metodologia

- » Roda de conversa
- » Debates mediados
- » Análise de situações do cotidiano
- » Produções coletivas
- » Trabalho em grupo
- » Escuta ativa

 O estudante é sujeito do processo.

### Disciplinas envolvidas (exemplo)

- » Língua Portuguesa: leitura, escrita, argumentação
- » Ciências/Biologia: corpo, saúde, desenvolvimento
- » História: direitos humanos, cidadania
- » Geografia: diversidade cultural
- » Arte: expressão e identidade
- » Educação Física: corpo, respeito e convivência



## Etapas do projeto

- 1. Sensibilização**
  - » Perguntas disparadoras
  - » Caixa de perguntas anônimas
  - » Levantamento de dúvidas e temas de interesse
- 2. Problematização**
  - » Discussão de situações reais (bullying, respeito, convivência)
  - » Debate orientado pelo professor
- 3. Desenvolvimento**
  - » Aulas interdisciplinares
  - » Atividades por área
  - » Produções (textos, cartazes, rodas de conversa, expressões artísticas)
- 4. Socialização**
  - » Apresentação dos aprendizados
  - » Exposição interna (sem exposição individual)
- 5. Avaliação**
  - » Autoavaliação dos estudantes
  - » Avaliação coletiva do processo
  - » Foco na participação e no diálogo, não em prova



## Avaliação

- » Participação
- » Escuta
- » Respeito
- » Capacidade de reflexão



Avaliação formativa, não punitiva.



## Resultado esperado

- » Ambiente escolar mais seguro
- » Redução de preconceitos e violências
- » Estudantes mais informados e confiantes
- » Fortalecimento do diálogo na escola



## Princípio final

Educação para a sexualidade não é conteúdo extra.

**É parte da formação humana.**

# CAPÍTULO 5



# Como horizonte formativo da prática docente:

## O inédito-viável

● **inédito viável**, na perspectiva freireana, aplicado à formação de professores para o trabalho com a sexualidade, refere-se à construção de práticas formativas críticas e dialógicas que, embora ainda não plenamente realizadas na escola, são historicamente possíveis e necessárias para superar o silêncio, os tabus e as opressões que envolvem o tema sexualidade.

O conceito de inédito viável se concretiza nas experiências de professores que, mesmo diante de limites institucionais, curriculares e culturais, desenvolveram práticas pedagógicas multidisciplinares e interdisciplinares envolvendo o tema da sexualidade. Os relatos dessas experiências evidenciam que, a partir do diálogo, da escuta dos estudantes e da articulação entre diferentes áreas do conhecimento, foi possível construir abordagens educativas que superaram o tratamento restrito ao viés biológico, incorporando dimensões sociais, culturais, éticas e afetivas da sexualidade. Tais práticas revelam que o trabalho com a sexualidade na escola, quando realizado de forma coletiva e contextualizada, configura-se como um inédito viável, pois demonstra que novas formas de ensinar e aprender sobre o tema são historicamente possíveis e pedagogicamente transformadoras.

# Vozes docentes que inspiram:

## experiências no trabalho com a sexualidade

### **CIÊNCIAS:**

#### REFLEXÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO 7º ANO

Temas abordados na atividade:

- » Construções sociais de gênero
- » Diferenças e desigualdades entre homens e mulheres
- » Masculinidade tóxica
- » Estereótipos de gênero
- » Relações entre corpo, identidade e sociedade
- » Sexualidade para além do aspecto biológico

A atividade contribuiu para ampliar a compreensão dos estudantes sobre a sexualidade como uma dimensão atravessada por fatores sociais e culturais, configurando-se como uma prática pedagógica dialógica e problematizadora.

Inicialmente, a turma foi dividida em pequenos grupos, organizados entre meninos e meninas. Aos grupos de meninos, solicitou-se que discutissem e registrassem as vantagens e desvantagens de ser homem, enquanto os grupos de meninas foram orientados a refletir e anotar as vantagens e desvantagens de ser mulher.

Após o trabalho em subgrupos, realizou-se um momento coletivo de socialização, no qual cada grupo apresentou os pontos levantados. A discussão conjunta possibilitou a problematização de percepções naturalizadas sobre os papéis de gênero, promovendo a escuta, o diálogo e a reflexão crítica entre os estudantes.

### **BIOLOGIA:**

#### IDENTIDADE HUMANA, DNA E CRÍTICA AO DETERMINISMO BIOLÓGICO

A experiência foi planejada no âmbito da disciplina de Biologia, tendo como eixo problematizador a relação entre DNA, identidade humana e determinismo biológico. Partiu-se da compreensão de que a ideia de que o DNA determina

integralmente quem somos pode levar a concepções deterministas, que desconsideram a complexidade da identidade humana e entram em conflito com princípios de igualdade e respeito à diversidade.

Inicialmente, o conteúdo sobre DNA foi abordado a partir da análise de pesquisas científicas e de estudos de caso comparativos, como os que envolvem gêmeos idênticos. Essa análise permitiu discutir os limites da explicação biológica para as características humanas, evidenciando que indivíduos com o mesmo material genético podem desenvolver trajetórias, comportamentos e identidades distintas.

A partir dessas reflexões, foi introduzida a problematização sobre o determinismo biológico, estimulando os estudantes a questionarem a ideia de que a genética, isoladamente, define o sujeito. Como elemento mobilizador do debate, lançou-se a questão: “O que te faz único?”, convidando os estudantes a refletirem sobre os múltiplos fatores que constituem a identidade humana.

A construção das respostas possibilitou uma abordagem interdisciplinar, com contribuições de áreas como História, Geografia e Literatura, ampliando a compreensão de que a identidade é um conceito complexo, atravessado por aspectos sociais, culturais, históricos e relacionais, para além dos fatores biológicos.

## **EDUCAÇÃO FÍSICA:**

### **GÊNERO E ESPORTE EM UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR**

A experiência foi desenvolvida na disciplina de Educação Física, tendo como foco o esporte de invasão (futebol) e a problematização das relações de gênero nas aulas. Partiu-se da constatação de que, frequentemente, os meninos demonstravam resistência em jogar com as meninas, associando habilidades esportivas ao sexo biológico.

A proposta foi organizada de forma interdisciplinar, envolvendo Ciências, Arte e Língua Portuguesa, com o objetivo de desconstruir estereótipos e promover práticas esportivas inclusivas. Discutiram-se as capacidades físicas a partir da perspectiva do treinamento e da prática, destacando que o desempenho esportivo não é determinado exclusivamente pelo sexo. As regras do jogo, iguais para todos, foram enfatizadas como elemento de respeito e cooperação.

Em articulação com Ciências, abordaram-se diferenças corporais e hormonais sem recorrer ao determinismo biológico. Em Arte, os estudantes produziram retratos masculinos e femininos a partir de uma base comum, e, em Língua Portuguesa, elaboraram textos refletindo sobre as diferenças individuais. A experiência contribuiu para ampliar a compreensão sobre corpo, gênero e sexualidade de forma crítica e integrada.

## **FILOSOFIA E GEOGRAFIA:** **GÊNERO EM ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR**

A experiência foi desenvolvida nos componentes de Filosofia e Geografia, com estudantes do 2º ano do Ensino Médio.

Foram realizadas duas atividades. A primeira, abordou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) por meio de palestra, pesquisa sobre práticas sustentáveis em empresas e produção de infográficos digitais. A atividade possibilitou a investigação do ODS 5 – Igualdade de Gênero, além de favorecer o engajamento, a comunicação e a socialização das pesquisas.

A segunda atividade teve como eixo a temática das fake news, envolvendo a leitura orientada de textos, a elaboração de mapas mentais e a produção de podcasts ou vídeos. A socialização dos trabalhos promoveu o debate crítico sobre gênero e sexualidade, bem como reflexões éticas e propostas de ações no contexto escolar.

## **MATEMÁTICA E BIOLOGIA:** **VIOÊNCIA DE GÊNERO EM ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR**

A experiência foi desenvolvida de forma interdisciplinar, envolvendo professores das áreas de Ciências Exatas, Biológicas e Humanas, tendo como eixo a temática da violência de gênero.

Inicialmente, foram selecionadas reportagens relacionadas ao tema, a partir das quais cada área trabalhou conteúdos específicos: em Matemática, realizou-se a leitura e interpretação de gráficos e dados estatísticos; em Biologia, discutiram-se aspectos relacionados aos hormônios e ao corpo humano; e, em articulação com as Ciências Humanas, abordaram-se questões de gênero e desigualdade social.

As atividades incluíram rodas de conversa, que favoreceram o diálogo e a reflexão crítica entre os estudantes. Como desdobramento, os alunos produziram materiais de divulgação voltados à conscientização e ao enfrentamento dos preconceitos de gênero na sociedade, promovendo uma abordagem educativa integrada e contextualizada.

## **HISTÓRIA:** **IDENTIDADES DE GÊNERO E DIVERSIDADE AO LONGO DO TEMPO**

A experiência foi desenvolvida na disciplina de História, com o objetivo de promover o debate entre estudantes e comunidade escolar sobre a empatia e o respeito às identidades de gênero.

As atividades buscaram compreender a importância das identidades de gênero ao longo da história, explorando como diferentes sociedades lidaram com a diversidade de gênero em distintas épocas. Foram analisados casos históricos de indivíduos que desafiaram normas de gênero vigentes, incluindo o uso de nomes sociais, favorecendo a reflexão crítica sobre a construção histórica das identidades.

A proposta contribuiu para ampliar a compreensão dos estudantes sobre gênero e sexualidade como construções históricas e sociais, fortalecendo práticas educativas pautadas no respeito à diversidade.

### **FÍSICA MODERNA:** **GÊNERO E RECONHECIMENTO CIENTÍFICO**

A experiência foi desenvolvida no componente de Física Moderna, a partir da análise das relações entre os trabalhos de Marie Curie e de seu esposo, com ênfase no processo de reconhecimento científico que resultou em sua premiação com o Prêmio Nobel.

Por meio do uso de elementos históricos, a atividade buscou compreender o papel da mulher no contexto da Física Moderna, problematizando os anseios, desafios e dificuldades enfrentados pelas mulheres na produção científica da época. A proposta favoreceu reflexões sobre gênero, ciência e desigualdades históricas, ampliando a compreensão dos estudantes acerca da construção social do conhecimento científico.

### **ARTE:** **DANÇA, GÊNERO E ENFRENTAMENTO DE ESTEREÓTIPOS**

A experiência foi desenvolvida na disciplina de Arte, no contexto de um grupo de Dança Contemporânea realizado no contraturno escolar. A proposta partiu da recorrente percepção de estereótipos de gênero associados à dança, especialmente a ideia de que essa prática seria destinada apenas às meninas, acompanhada de comentários pejorativos e atitudes discriminatórias.

Essas concepções resultaram, frequentemente, na desistência de estudantes ou mesmo na não adesão ao grupo, bem como em situações de retaliação dirigidas àqueles que optavam por participar. Diante desse cenário, o grupo tornou-se também um espaço de diálogo e reflexão, no qual foram discutidas questões relacionadas a machismo, preconceito e expressões corporais, buscando fortalecer a autoestima e o respeito à diversidade.

Apesar das dificuldades enfrentadas, a experiência evidenciou o quanto o preconceito de gênero em relação à dança ainda está enraizado no contexto escolar, ao mesmo tempo em que reforçou a importância de práticas educativas que reconheçam a dança como forma legítima de expressão artística, identidade e bem-estar, acessível a todos os sujeitos.

## **QUÍMICA:**

### **POLÍMEROS, SEXUALIDADE E PREVENÇÃO DE ISTS**

A experiência foi desenvolvida na disciplina de Química, com turmas da 3ª série do Ensino Médio, tendo como eixo a temática “Polímeros protetores: a química da camisinha”. A proposta articulou conhecimentos científicos sobre polímeros à discussão sobre sexualidade, prevenção e saúde, atendendo às competências e habilidades da área de Ciências da Natureza.

Os conteúdos abordados incluíram monômeros e polímeros, tipos de polimerização, homopolímeros e copolímeros, bem como propriedades dos materiais poliméricos relacionados à composição química do preservativo. A abordagem buscou conscientizar os estudantes sobre a importância do uso da camisinha como método de prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs).

Como estratégia metodológica, a aula foi iniciada com a problematização de dados estatísticos sobre o início da vida sexual e o uso de preservativos entre adolescentes, promovendo reflexão crítica. Em seguida, foi realizada uma dinâmica experimental, simulando a transmissão do HIV por meio de soluções químicas, com o uso de indicadores, possibilitando a visualização dos riscos associados à não utilização do preservativo.

A avaliação ocorreu por meio da produção de infográficos em grupo, nos quais os estudantes sistematizaram os conhecimentos científicos e as reflexões desenvolvidas. A atividade contribuiu para integrar conceitos químicos a questões sociais e de saúde, promovendo uma abordagem educativa crítica e contextualizada da sexualidade.



# Sugestões de atividades pedagógicas

## FICHA 1 – CONHECENDO MEU CORPO COM RESPEITO

Para quem: Educação Infantil e Anos Iniciais

Objetivo:

Ajudar crianças a reconhecerem o próprio corpo como algo natural, importante e digno de cuidado.

Como fazer:

- » Organize uma roda de conversa.
- » Pergunte: “*O que o nosso corpo nos ajuda a fazer todos os dias?*”
- » Nomeie as partes do corpo com tranquilidade, inclusive as íntimas.

Mensagem-chave:

👉 Todas as partes do corpo merecem respeito.

Dica para quem educa:

Falar o nome correto do corpo ajuda a proteger e fortalece a autoestima.

## FICHA 2 – A CAIXA DAS PERGUNTAS

Para quem: Anos Iniciais, Finais e Ensino Médio

Objetivo:

Criar um espaço seguro para dúvidas sobre corpo, sentimentos e convivência.

Como fazer:

- » Coloque uma caixa na sala.
- » Combine regras: ninguém ri, ninguém julga.
- » Reserve momentos para responder as perguntas.

Mensagem-chave:

👉 Toda pergunta merece respeito.

Dica para quem educa:

Se não souber responder, diga com calma: “*Vamos aprender juntos.*”

### FICHA 3 – SENTIMENTOS TAMBÉM FAZEM PARTE

Para quem: Todas as etapas


Objetivo:

Reconhecer emoções como parte do crescimento e das relações.

Como fazer:

- » Use cartões com palavras como alegria, medo, vergonha, carinho.
- » Pergunte: “Quando sentimos isso?”
- » Reforce que todos os sentimentos são válidos.

Mensagem-chave:

 Sentir faz parte de ser humano.

Dica para quem educa:

Escuta é mais importante do que corrigir.

### FICHA 4 – RESPEITO E CONSENTIMENTO

Para quem: Anos Iniciais em diante


Objetivo:

Ensinar limites, cuidado consigo e com o outro.

Como fazer:

- » Traga situações simples do cotidiano.
- » Pergunte: “Posso tocar alguém sem perguntar?”
- » Converse sobre dizer sim, não e mudar de ideia.

Mensagem-chave:

 Meu corpo, minhas escolhas.

Dica para quem educa:

Consentimento se aprende desde cedo.



## FICHA 5 – SOMOS DIFERENTES, E TUDO BEM

Para quem: Todas as etapas

Objetivo:

Promover respeito às diferenças e convivência saudável.

Como fazer:

- » Converse sobre diferentes corpos, famílias e jeitos de ser.
- » Reforce que ninguém deve ser excluído por ser diferente.
- » Mensagem-chave:

👉 Diferença não é problema. Desrespeito é.

Dica para quem educa:

A escola precisa ser um espaço seguro para todos.

## FICHA 6 – PEDIR AJUDA É UM DIREITO

Para quem: Todas as etapas

Objetivo:

Mostrar que ninguém está sozinho e que existem redes de proteção.

Como fazer:

- » Pergunte: “Com quem você falaria se algo te incomodasse?”
- » Liste pessoas e lugares de confiança.
- » Reforce que pedir ajuda é importante.

Mensagem-chave:

👉 Falar protege.

Dica para quem educa:

Nunca minimize um pedido de ajuda.



# Como trabalhar temas sensíveis na escola

## com cuidado, responsabilidade e proteção

Temas como aborto, abuso sexual, pedofilia, estupro, pornografia, relacionamentos tóxicos, assédio e importunação sexual exigem postura pedagógica específica.

Eles podem e devem ser tratados, mas não de qualquer forma.

### 1. Princípio básico: proteger antes de informar

👉 O objetivo não é chocar, nem detalhar.

👉 É informar para proteger, orientar e prevenir.

Antes de abordar qualquer tema sensível, a escola deve garantir:

- » linguagem adequada à idade;
- » ambiente seguro;
- » mediação qualificada;
- » clareza de limites.

### 2. Como abordar pedagogicamente

O que fazer?

✓ Use a problematização

- » Trabalhe com situações hipotéticas, não relatos pessoais.
- » Use perguntas como:
  - » “O que fazer se isso acontecer?”
  - » “Onde buscar ajuda?”
  - » “Por que isso é violência?”

✓ Contextualize, não detalhe

- » Não descreva cenas.
- » Não entre em pormenores gráficos.
- » Foque em:
  - » direitos;
  - » proteção;



- » consequências;
- » caminhos de ajuda.

✓ **Trabalhe por temas de proteção**

Em vez de focar no ato, foque em:

- » consentimento;
- » limites;
- » respeito;
- » cuidado com o corpo;
- » relações saudáveis.

### 3. O que NÃO fazer em hipótese alguma

- ✗ Não pedir relatos pessoais
- ✗ Não expor estudantes
- ✗ Não romantizar violências
- ✗ Não exibir conteúdos explícitos
- ✗ Não tratar como debate de opinião
- ✗ Não relativizar a violência
- 👉 Violência não é ponto de vista.

### 4. Como trabalhar cada tema

Forma segura

#### 📌 **Abuso sexual, pedofilia e estupro**

- » Abordar como crime e violência.
- » Ensinar:
  - » que a culpa nunca é da vítima;
  - » que adultos nunca devem pedir segredo sobre o corpo;
  - » que é direito dizer não.

#### 📱 **Pornografia**

- » Trabalhar como:
  - » conteúdo impróprio para crianças e adolescentes;
  - » representação irreal das relações;
  - » possível fonte de violência e distorção do consentimento.
- 👉 Não exibir, não reproduzir.
- 💔 **Relacionamentos tóxicos**
- » Discutir sinais de alerta:

- » controle;
- » ciúmes excessivos;
- » humilhação;
- » medo.

👉 Amor não machuca.

## 🚫 Assédio e importunação sexual

Explicar que:

- » comentários;
- » toques;
- » olhares insistentes
- » sem consentimento são violência.

👉 “Brincadeira” sem consentimento não é brincadeira.

## 5. E se surgir uma revelação?

⚠️ Atenção máxima

Se um estudante revelar situação de violência:

- » Escute sem julgar
- » Não prometa sigilo absoluto
- » Não interrogue
- » Não confronte supostos agressores
- » Encaminhe imediatamente à equipe gestora/orientação

👉 A escola não investiga, protege e encaminha.

## 6. Telefones de denúncia (Brasil)

Essas informações devem ser ensinadas aos estudantes, de forma clara:

- » 📞 Disque 100
  - ➔ Violação de direitos humanos
  - ➔ Abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes
- » 📞 Disque 180
  - ➔ Violência contra a mulher
- » 📞 190
  - ➔ Emergência policial

## 📌 Ensine:

- » denunciar é um direito;
- » não precisa ter certeza;
- » pedir ajuda salva vidas.

## 7. Avaliação e cuidado com a turma

Após trabalhar temas sensíveis:

- » observe mudanças de comportamento;
  - » ofereça espaços de escuta;
  - » reforce que a escola é lugar de proteção.
- 👉 Nem todo silêncio é desinteresse. Às vezes é medo.

## 8. Para tranquilizar o professor

Trabalhar esses temas é dever de proteção

O professor não está incentivando nada

A abordagem correta é preventiva

O respaldo é legal, ético e pedagógico

Silenciar expõe.

Informar protege.

### 🕒 Regra de ouro para temas sensíveis

Fale menos do ato.

Fale mais de proteção, direitos e caminhos de ajuda.



# Protocolo escolar

## atendimento a Revelações de Violência por Estudantes

### FLUXOGRAMA ESCOLAR

Revelação ou Suspeita de Violência

ESTUDANTE FALA OU DEMONSTRA SINAIS DE VIOLÊNCIA

#### 1. ESCUTA PROTEGIDA

(professor/a ou funcionário/a)

- » Escuta com calma
- » Acredita no relato
- » Não julga
- » Não investiga
- » Não pede detalhes

#### 2. EXPLICA LIMITES DO SIGILO

“Vou buscar ajuda para te proteger”

#### 3. COMUNICA IMEDIATAMENTE

Coordenação / Orientação / Direção

#### 4. REGISTRO INTERNO

(objetivo, sem julgamento)

#### 5. AVALIA RISCO COM A GESTÃO

A família oferece risco?

SIM

NÃO

Caso sim

Caso não

**6. NÃO COMUNICA  
AUTOMATICAMENTE  
A FAMÍLIA**

**6. COMUNICA  
A FAMÍLIA  
(com cuidado)**

**7. AÇÃO REDE DE PROTEÇÃO**  
Conselho Tutelar / Saúde / Disque 100

**8. ACOMPANHAMENTO ESCOLAR**

- » Proteção no ambiente escolar
- » Evitar exposição
- » Observação contínua

### **REGRAS DE OURO (para ler junto ao fluxograma)**

- » Não precisa ter certeza
- » Suspeita já é motivo para agir
- » Professor não investiga
- » Professor não resolve sozinho
- » Silenciar é o maior erro

### **O que NUNCA fazer (atalho rápido)**

- Pedir provas
- Confrontar família ou agressor
- Prometer segredo absoluto
- Tratar como “assunto pessoal”
- Ignorar sinais

### **Telefones que devem constar no mural**

- » Disque 100 – Violação de direitos humanos
- » Disque 180 – Violência contra a mulher
- » 190 – Emergência policial

### **Princípio final**

A escola não investiga.  
A escola protege.  
A escola encaminha.

# Leis e dispositivos que amparam a Educação para a Sexualidade

Conhecer a base legal protege o professor, fortalece o trabalho pedagógico e evita que a educação para a sexualidade seja tratada como algo “proibido” ou “indevido”.

👉 Não é opinião pessoal do docente. É política educacional e direito garantido.

## 📄 Constituição Federal de 1988 – Artigos 205 e 206

- » A educação é direito de todos
- » Deve promover o pleno desenvolvimento da pessoa
- » Baseia-se na igualdade, na liberdade e no respeito à dignidade humana

👉 Educação para a sexualidade está ligada à dignidade, ao respeito e à formação integral.

## 📖 Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei nº 8.069/1990

- » Direito à proteção integral
- » Direito à dignidade, respeito e liberdade
- » Dever da escola de prevenir violências

👉 Falar de corpo, limites, consentimento e respeito é proteção, não exposição.

## 📖 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996

- » Educação visa o desenvolvimento integral do educando
- » Formação para o exercício da cidadania
- » Respeito à diversidade e à convivência

👉 A sexualidade entra como tema ligado à cidadania, saúde e convivência.

## Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Reconhecem a Orientação Sexual como tema transversal. Devem ser trabalhados de forma:

- » contínua
- » contextualizada
- » interdisciplinar

👉 Mesmo não sendo obrigatórios hoje, ainda são referência pedagógica.

## Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Garante:

- » direitos de aprendizagem
- » educação integral
- » desenvolvimento socioemocional

Valoriza:

- » respeito
- » empatia
- » cultura de paz

👉 A sexualidade aparece de forma transversal, ligada a:

- » corpo
- » emoções
- » saúde
- » convivência
- » direitos humanos

## Políticas Públicas de Saúde e Educação

- » Educação em saúde
- » Prevenção de violências
- » Promoção do autocuidado

👉 Escola e saúde atuam juntas, não separadas.






## Documentos Internacionais (referência pedagógica)

As orientações da UNESCO reforçam que:

- » educação para a sexualidade é direito humano
- » contribui para prevenção da violência
- » fortalece a autonomia e o respeito

 Não são leis, mas referências reconhecidas internacionalmente.

### O que NÃO existe na lei

-  Lei que proíba educação para a sexualidade
-  Lei que proíba falar de gênero ou diversidade
-  Obrigação de autorização familiar para dialogar em sala
-  Crime por respeitar nome social ou identidade
-  O medo costuma vir da desinformação, não da lei.

### Para tranquilizar o professor

O professor não está agindo ilegalmente

O trabalho é pedagógico, não ideológico

A escola tem dever de proteger

O diálogo é respaldado por lei

Ensinar com respeito não é risco jurídico.

É cumprimento do papel educacional.

### PARA LEMBRAR NO ALMANAQUE

A educação para a sexualidade, segundo a UNESCO, acontece:

- » no diálogo,
- » no respeito,
- » na escuta,
- » no cuidado diário.

**Não é uma aula isolada. É uma postura educativa.**



# Educar é cuidar

Este almanaque não nasceu para dar respostas prontas, nem para transformar educadoras e educadores em especialistas de tudo. Ele nasceu para tranquilizar, orientar e lembrar algo essencial: **educar é, antes de tudo, cuidar de pessoas.**

Ao longo destas páginas, falamos de corpo, identidade, sexualidade, respeito, proteção, escuta e diálogo. Falamos também de medos legítimos, de limites institucionais e de responsabilidades reais. Nada disso é simples – e tudo isso é necessário.

A educação para a sexualidade não é um conteúdo extra. Ela está presente:

- » na forma como chamamos um estudante;
- » no jeito como escutamos uma dúvida;
- » na maneira como protegemos quando alguém pede ajuda;
- » no cuidado em não expor, não julgar e não silenciar.

**Nem sempre será possível acertar tudo. E tudo bem.** O que faz diferença é não virar o rosto, não ridicularizar, não negar existência.

Este almanaque reafirma que:

- » a escola não ensina ninguém a ser quem é;
- » a escola ensina a conviver;
- » a escola protege quando escuta;
- » a escola salva vínculos quando escolhe o respeito.

Que este material seja um companheiro de caminhada, não um manual rígido. Que ele ajude a construir ambientes escolares mais seguros, humanos e justos.

E que, diante de qualquer dúvida, medo ou silêncio, a escola sempre possa responder com aquilo que tem de mais forte: **escuta, diálogo e cuidado.**



## ♥ Uma última lembrança

Quando a escola acolhe, ela educa.  
Quando educa, ela transforma.  
Quando transforma, **ela protege vidas.**

# Mensagem final

Educar para a sexualidade é um trabalho de cuidado.

Exige escuta atenta, presença verdadeira e tempo.

Não acontece em uma única conversa, nem depende de um único profissional.

É um processo vivo, construído aos poucos, no ritmo dos encontros, das perguntas, dos silêncios e das palavras que encontram espaço para existir.

Na escola, cada diálogo aberto, cada dúvida acolhida, cada situação problematizada se transforma em fio.

Fios que se cruzam e se sustentam:

o fio da proteção,

o fio do respeito,

o fio da autonomia,

o fio do cuidado com o corpo, com as emoções e com os limites,

o fio da construção de relações mais justas, conscientes e humanas.

Quando a escola cria espaço para falar de sexualidade com responsabilidade, professoras e professores ajudam estudantes a tecerem suas próprias histórias com mais segurança, clareza e dignidade.

Histórias em que o medo dá lugar ao entendimento

e o silêncio cede espaço à escuta.

E, nesse processo, ninguém passa ileso, no melhor sentido da palavra.

Quem educa também se transforma.

Porque educar é um encontro que atravessa, desloca e amplia.

Que este Almanaque seja mais um fio nesse tecido vivo que é a escola.

Um fio que fortalece mãos, amplia olhares e sustenta

a coragem de seguir dialogando.

**E que possamos continuar tecendo caminhos de respeito, liberdade e cuidado, para que cada estudante, e cada educadora, educador, possa, como nos ensinou Paulo Freire, ser mais.**

(Texto adaptado de autoria não identificada)



# Referencial teórico e pedagógico

Esta página reúne autoras, autores e instituições de referência, indicados para educadoras e educadores que desejam aprofundar seus estudos com segurança, seriedade e respaldo pedagógico.

## Referência internacional

- » **UNESCO** – Orientações Técnicas Internacionais sobre Educação em Sexualidade. Documento base para práticas educativas em sexualidade, com foco em direitos, proteção, desenvolvimento integral e adequação por faixa etária.

## Educação para a sexualidade e prática escolar

- » **Jimena Furlani** – Educação sexual, infância, escola e formação docente.
- » **Alexandre Bortolini** – Gênero, sexualidade, direitos humanos e mediação pedagógica.
- » **Araci Asinelli** – Educação sexual, ética, prevenção de violências e formação de professores.
- » **Dayana Brunetto Carlin dos Santos** – Educação para a sexualidade, escola e desafios contemporâneos.

## Gênero, currículo e educação

- » **Guacira Lopes Louro** – Gênero, sexualidade e currículo escolar.
- » **Maria Rita de Assis César** – Educação, gênero, sexualidade e políticas educacionais.

## Direitos humanos e educação

- » **Toni Reis** – Diversidade sexual, políticas públicas e educação.
- » **Grupo Dignidade** – Direitos humanos, diversidade e materiais educativos para escolas.
- » **CEPAC** – Educação para a cidadania, diversidade e convivência democrática.

## Fundamento ético-pedagógico

- » **Paulo Freire** – Diálogo, humanização, problematização e educação como prática da liberdade.

# Referências essenciais

A educação para a sexualidade na escola é respaldada por referências nacionais e internacionais consolidadas, entre elas:

- » UNESCO – *Orientações Técnicas Internacionais sobre Educação em Sexualidade*
- » Organização Mundial da Saúde (OMS) – sexualidade como parte da saúde integral
- » Constituição Federal de 1988 – educação como direito e formação integral
- » Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – proteção integral e dever da escola
- » Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) – cidadania e respeito à diversidade
- » Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – educação integral, empatia e cultura de paz
- » Paulo Freire – diálogo, humanização e problematização
- » Conselho Federal de Psicologia (CFP) – notas técnicas sobre gênero, sexualidade e proteção
- » Ministério da Saúde (Brasil) – saúde sexual, adolescência e prevenção de violências
- » Disque 100 e Disque 180 – proteção e enfrentamento às violências



## Nota final ao educador

Buscar boas referências é um ato de cuidado pedagógico. É assim que a escola se fortalece, protege **e educa com responsabilidade.**



Este almanaque é um guia essencial para educadores que enfrentam desafios ao abordar a sexualidade na escola. Inspirado pelo pensamento de Paulo Freire, o livro propõe uma educação ética, crítica e acolhedora, que valoriza o diálogo, o respeito e a proteção dos direitos humanos.

Por meio de conceitos fundamentais, o almanaque desmonta fake news, traz depoimentos reais de estudantes trans e oferece propostas pedagógicas para construir ambientes escolares mais inclusivos e seguros. Ainda orienta sobre temas como nome social, uso de banheiros, linguagem neutra e inclusiva e enfrentamento de preconceitos, sempre pautado pela legislação e pelas diretrizes da UNESCO.

Este não é um manual de respostas prontas, mas um material de apoio para fortalecer quem educa, promovendo respeito, escuta e cuidado no cotidiano escolar.

